

Homilia do 30º Domingo do Tempo Comum – Ano C

Na Liturgia deste Domingo, as leituras destacam dois temas importantes, a oração e a “justificação” do humilde e do pecador (1ª Leitura e Evangelho), e a entrega da vida de Paulo no fim de seu percurso (2ª Leitura). Notamos em nossa Liturgia de hoje que Deus tem um “fraco” pelos humildes, pobres e marginalizados, é que são estes, no seu despojamento, na sua humildade, na sua finitude (e até em seu pecado), que estão mais perto da salvação, pois são os mais disponíveis para acolher o dom de Deus.

A 1º Leitura se inicia com a expressão “Deus é um juiz justo, que não faz distinção de pessoas”. O que poderíamos dizer que Deus não faz acepção de pessoas, e que faz justiça aos pequenos, olha com carinho aos pobres, viúvas, órfãos, aflitos e necessitados. Deus então toma partido deste povo sofrido, porque é um Deus de Justiça. Vemos nisso um dito em oposição á maneira em que os poderosos querem agradar a Deus, por meio de sacrifícios perversos. Oferecem a Deus o fruto da exploração, sendo assim uma tentativa de subornar a Deus. Deus não se deixa subornar ou comprar pelas coisas

que lhe oferecemos, pois não necessita de nada disso. Deus é reto, atende os oprimidos e necessitados. Ele nos considera justos amigos Dele, quando lhe oferecemos um coração contrito e humilde.

O autor do texto, Jesus Ben Sirá, insiste em que Deus escuta sempre as preces dos débeis e que está atento aos gritos de revolta daqueles que são vítimas da injustiça. Assim os humildes que sofrem a opressão e a prepotência dos poderosos são convidados a apresentar a Deus as suas queixas, até que Ele restabeleça o direito e a justiça.

Isso nos faz lembrar sempre algumas questões: quando oferecemos nossas ofertas a Deus, nossa oração, nossos pedidos como estão sendo oferecidos? Estou tendo um coração humilde para fazer minha oferta? Quando vou pedir o Sacramento da Penitencia, estou realmente arrependido de meus pecados, e tenho o verdadeiro propósito de mudar? Tenho a abertura de coração para perdoar os irmãos, como estou pedindo a Deus que me perdoe?

O texto ainda nos fala: “Quem adora a Deus será bem acolhido e a sua prece sobe até

às nuvens. A oração do humilde atravessa as nuvens e não descansa enquanto não chega ao seu destino. Não desiste, até que o Altíssimo o atenda, para estabelecer o direito dos justos e fazer justiça.” Deus escuta o nosso apelo, se este é sincero, humilde e de coração e, nos pede que sejamos também atentos e escutemos o que Ele quer nos falar, e que convertamos dia a dia o nosso coração.

No Evangelho, em ligação a 1ª Leitura, a parábola do fariseu e do publicano, exclusiva de Lucas, põe em confronto dois tipos de atitude ante a face de Deus e, é uma forma de Jesus ensinar a humildade, a atitude fundamental com que o homem tem de se apresentar diante de Deus para ser atendido.

Os “fariseus” formavam um dos grupos mais interessantes e com mais impacto na sociedade palestina do tempo de Jesus. O fariseu é o modelo de um homem irrepreensível a Lei, que cumpre todas as regras e leva uma vida íntegra. Ele está consciente de que ninguém o pode acusar de cometer ações injustas, nem contra Deus, nem contra os irmãos (e aparentemente é verdade, pois a parábola não nos diz que ele estivesse mentindo). Com certeza ele está contente e tinha razões para tal,

por não ser como o publicano que também está no Templo, o fariseu possuía a consciência de sua superioridade moral e religiosa, sobretudo em relação aos pecadores notórios, neste caso o publicano.

O publicano é o modelo do pecador, e como vemos em diversas passagens dos Evangelhos, Jesus sendo questionado pelos fariseus de estar com esse tipo de pessoas pecadoras. O publicano explora os pobres, pratica injustiças, trafica com a miséria e não cumpre as obras da Lei.

Jesus ao final da parábola comenta a atitude dos dois. Vemos um fariseu se vangloriando de ser quem é, de se sentir superior, de estar na frente e em pé diante de Deus, sinal de alguém não penitente, pois o penitente curva-se diante de Deus. Em contrapartida notamos um publicano, ao fundo do templo, de joelhos, não levantando os olhos a Deus por se considerar indigno e batendo no peito dizendo: “Meu Deus, tem piedade de mim pecador!”, nos lembrando do início do Salmo 50.

Jesus diz que o publicano voltou para casa mais justificado do que o fariseu. Por quê? O fariseu crê que sendo quem é, e com suas

atitudes, Deus tem que lhe salvar, afinal de contas ele sempre cumpriu tudo certinho, e que conquistou sua salvação e estava convencido de que a Lei lhe daria o direito a esta salvação. Porém Deus declara alguém justo com base na misericórdia e no amor gratuito. Não se barganha com Deus. A pessoa pode viver uma vida reta, porém, se não houver amor e misericórdia, do que adiantou? Uma fachada, se julgando melhor que os outros, não olhando os irmãos com a atenção que é necessária, fazendo julgamentos por alguma atitude ou até por alguma palavra ou conversa, tendo preconceitos, discriminando pessoas mais pobres ou por qualquer outro motivo, realizando obras ou ações aos outros sempre esperando alguma compensação, troca, atenção e etc. Já o publicano tem consciência de quem é, ajoelha-se, bate no peito, reconhece seus pecados, procura humildemente a misericórdia de Deus.

Lucas acrescenta uma lição moral: “Quem se exalta será humilhado; quem se humilha será exaltado” (Lc 18,14). Mais profunda ainda é a lição propriamente teológica, refrão da teologia de São Paulo: quem se declara justo a si mesmo com base em suas obras rituais – como faziam os fariseus, convencidos de que a observância

da Lei lhes dava “direitos” perante Deus – não é declarado justo por Deus, pois Deus é “inegociável” e declara alguém justo (reconciliado) com base na sua misericórdia e amor gratuitos, como já citamos. A justificação é de graça para quem entra na órbita do amor de Deus, pondo-lhe nas mãos a vida inteira, com pecados e fraquezas. Diante de Deus, todos nós ficamos devendo (cf. Sl 51[50],7). Os que se justificam a si mesmos, além de serem orgulhosos, são pouco lúcidos! Portanto, melhor é fazer como o publicano: apresentarmo-nos a Deus, conscientes de que estamos lhe devendo e pedir que nos perdoe e nos dê novas chances de viver ante a sua face, pois sabemos que Deus não quer a morte do pecador, mas sim que se converta e viva. (Ez 18,23). E a conversão como já comentamos na 1ª leitura acontece no dia a dia, quando nos ajudamos mutuamente a sermos melhores uns para com os outros, em nossas famílias, em nossa comunidade de religiosos, de monges, quando reconhecemos que falhamos, e queremos de coração sincero e através de nossa oração, do nosso retomar o caminho para Deus.

E diante desses temas, justificação e da oração, que Paulo na 2ª leitura de hoje, se

coloca nas mãos de Deus, o “Juiz Justo”. Esta leitura da Segunda Carta a Timóteo é um emocionante testamento espiritual de Paulo. Estando preso em Roma, esperando o momento de sua morte, Paulo abre seu coração: “Estou para ser oferecido em sacrifício; aproxima-se o momento de minha partida. Combati o bom combate, guardei a fé.” Paulo pregou o Evangelho, trabalhou com suas próprias mãos, não se cansou ou mesmo nem desanimou diante das diversas vezes em que foi perseguido, sofreu flagelos, incompreensões do povo judeu, dos pagãos e até por parte dos Apóstolos. Porém nesse momento, não se apresenta como uma pessoa amargurada, muito pelo contrário, suas palavras revelam sua imensa gratidão e esperança. Pois, ficou fiel ao seu Senhor e agora aguarda seu encontro com Ele. Paulo sabe que é pecador, como todos nós sabemos que somos, mas é pela graça de Deus que Paulo será salvo, como a cada um de nós. Será justificado pelo “Juiz Justo”, pois é Ele que toma nossa defesa. O mistério desta vida deste Apóstolo era a caridade, mistério de toda uma vida fecunda. Ela não tem fim e completa-se no oferecimento da própria vida.

Queridos irmãos e irmãs, gostaria de terminar essa reflexão recordando a antífona que cantamos no Salmo 07: “Deus é um juiz justo, forte e paciente, que nos adverte cada dia.” O Senhor Deus sempre está nos advertindo de nossos erros e pecados. Ele nos adverte enquanto fazemos nossa Lectio Divina, nas leituras dos Santos Padres, nos conselhos que recebemos quando procuramos o Sacramento da Reconciliação ou quando um amigo, ou um irmão falar algo que de repente pode vir a nos chatear momentaneamente, porém, nos chama a atenção a mudar, a nos converte, a tentarmos sempre ter atitudes novas, abandonando ao homem velho e nos revestindo do homem novo em Jesus Cristo e, assim quando chegar a hora de nosso encontro com o Senhor que possamos a exemplo de Paulo dizer: “Combati um bom combate, guardei a minha fé”. Apesar de todas as tentações que o mundo nos oferece, devemos nos manter firmes na fé e no amor a Deus, a Jesus Cristo a quem nada deve antepor, pois somente Ele que se ofereceu por nós nos dando o grande exemplo de amor, oração e humildade, nos basta e nos conduz ao Pai.

ASSIM SEJA

